

OBRA ANALISADA	Eu e outras poesias
GÊNERO	Poesia (Modernismo)
AUTOR	Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos
DADOS BIOGRÁFICOS	<p>Nascimento: 20 de abril de 1884, no engenho Pau d'Arco, em Cruz do Espírito Santo, município do estado da Paraíba localizado na microrregião de Sapé.</p> <p>Morte: 12 de novembro de 1914, Leopoldina, município do estado de Minas Gerais, situada na Zona da Mata Mineira.</p>
BIBLIOGRAFIA	<p>Em 1912, seu único livro publicado, com a inclusão de um poema inacabado – A Meretriz.</p> <p>Suas poesias se dividem em três fases:</p> <p>= a primeira sendo muito influenciada pelo simbolismo e sem a originalidade que marcaria as posteriores. A essa fase pertencem seus poemas <i>Saudade</i> e <i>Versos Íntimos</i>.</p> <p>= a segunda possui o caráter de sua visão de mundo peculiar. Um exemplo dessa fase é o soneto <i>Psicologia de um Vencido</i>.</p> <p>= a terceira corresponde à sua produção mais complexa e madura, que inclui <i>Ao Luar</i>.</p> <p>"Eu", publicado em 1912, tem um caráter antecipador do movimento modernista. "<i>Um diálogo com o novo tempo estético que se anuncia. Pluridimensional: veios românticos, parnasianos, simbolistas – um inusitado diálogo de confluências.</i>"</p>
RESENHA	<p>Em suas poesias, o poeta paraibano destaca o sofrimento do homem ainda em vida, como agrupamento de matéria à mercê de forças sobre as quais ele não tem controle.</p> <p><i>Sou uma sombra</i> <i>Venho de outras eras</i></p> <p>A morte, sendo o fim de tudo, desfaz qualquer esperança de consolação e alívio em outro plano de existência.</p> <p>"<i>Eu e outras poesias</i>" é a prova concreta das imagens fortes, dos elaborados jogos de palavra deste poeta esplêndido.</p>
ESTILO DE ÉPOCA	<p>Pré-modernismo</p> <p>É comum lermos que o Pré-Modernismo é um período que não alcançou o status de escola literária, ficou apenas como um período de transição e que designa uma vasta produção literária dos primeiros 20 anos do século passado. Além disso, diz-se que não há um grupo de autores afinados em torno de um mesmo ideário, mas um conjunto de várias tendências e estilos literários. Sobrevivem produções de poetas parnasianos e simbolistas,</p>

prosadores naturalistas e realistas e surgem escritores que começavam a desenvolver um novo regionalismo e uma literatura crítica.

Neste período que, didaticamente vai de 1902 até a Semana de Arte Moderna, surgem experiências precursoras da linguagem modernista na poesia e na prosa e um nacionalismo consciente. Alguns textos utilizam-se de uma linguagem mais descontraída, que foge dos padrões gramaticais acadêmicos e adotam uma visão crítica, que ousava problematizar.

Augusto dos Anjos, filiado ao pré-modernismo, por quê?

Essa modernidade percebemos na inclusão de expressões até então inimagináveis em um texto poético.

Desta forma, Augusto dos Anjos não se filiou a nenhuma escola nem adotou as normas à vazão utilizadas pelos literatos da época.

Por sua **multiplicidade de influências**:

= demonstra poucas ilusões **românticas**, por ser materialista nos sentimentos;

= **parnasiano**, na forma, por sua técnica impecável – métrica rígida e rimas preciosas, cadência musical;

= **simbolista**, por suas imagens, aliterações, além do vocabulário incomum repleto de palavras com forte carga cientificista.

O fim de todas as ilusões românticas, a fatalidade da morte como apodrecimento inexorável do corpo, a visão do cosmos em seu processo irreversível de demolição de valores e sonhos humanos. Porém, não detestava o amor, mas o queria em seu estado impossível, espiritual, etéreo.

Sobre história de amor o

interrogar-me

É vão, é inútil, é improfícuo, em suma;

Não sou capaz de amar mulher alguma

Nem há mulher talvez capaz de

amar-me [in Queixas Noturnas]

Se algum dia o Prazer vier procurar-me

Dize a este monstro que eu fugi de

casa!

Percebeu o amor sensual e prazer abalados na seleção acima?

Os sentimentos que ele expressa são o pessimismo, uma visão materialista e perplexa da vida.

Cético em relação às possibilidades do amor

("Não sou capaz de amar mulher alguma, / Nem há mulher talvez capaz de amar-me"), fez da obsessão com o próprio "eu" o centro do seu pensamento.

Não raro, o **amor se converte em ódio**, as coisas despertam nojo e tudo é egoísmo e angústia em seu livro patético (*"Ai! Um urubu pousou na minha sorte"*).

A vida e suas facetas, para o poeta que aspira à **morte e à anulação de sua pessoa**, reduzem-se a combinações de elementos químicos, forças obscuras, fatalidades de leis físicas e biológicas, decomposições de moléculas.

Tal materialismo, longe de aplacar sua **angústia**, sedimentou-lhe o **amargo pessimismo** (*"Tome, doutor, essa tesoura e corte / Minha singularíssima pessoa"*). Ao **asco de volúpia** e à **inapetência para o prazer** contrapõe-se, porém um **veemente desejo de conhecer outros mundos**, outras plagas, onde a força dos instintos não cerceie os vôos da alma (*"Quero, arrancado das prisões carnaís, / Viver na luz dos astros imortais"*).

O espírito nasce juntamente com o corpo e cresce com ele e envelhece ao mesmo tempo. O espírito não poderá lamentar a ausência de situações felizes passadas, ou a ausência de pessoas queridas, ou a não fruição plena da vida - simplesmente porque o espírito se extingue junto com o corpo, e nada resta que possa sofrer ou lamentar-se; o que transparece em seus poemas, entretanto, é uma postura muito mais pessimista e angustiada.

INFLUÊNCIA PARNASIANA: grande preocupação com o aspecto formal do texto.

DECASSÍLABO = verso com dez sílabas poéticas (sílabas métricas).

1 / 2 / 3 / 4 / 5 / 6 / 7 / 8 / 9 / 10
can/sa/do/ de/ cho/rar/ pe/las/ es/**tra**/das,
e/xaus/to/ de/ pi/sar/ má/goas/ pi/**sa**/das,
ho/je eu/ car/re/go a/ cruz/ de/ mi/nhas/ **do**/res.
[in Mágoas]

Uma eurritmia musicada de decassílabos, a obra de Augusto expressa sua concepção unificadora de arte e ciência.

EURRITIMIA [eu+ ritmo + -ia] = justa proporção entre as partes de um todo; beleza, harmonia; escolha harmonia dos sons.

Rimas incomuns, de uma combinação surpreendente, marcam todos os seus poemas, quer sejam sonetos, quer sejam poemas longos.

A sonoridade relaciona sua poesia ao Simbolismo e demonstra o cuidado que o poeta tinha na colocação de cada expressão que faz parte de seus versos. Podemos comprovar isso nas estrofes inicial e final do poema "Barcarola":
*Cantam nautas, choram flautas
Pelo mar e pelo mar*

*Uma sereia a cantar
Vela o Destino dos nautas.*

TENDÊNCIAS PRÉ-MODERNISTAS: suas divagações metafísicas, vocabulário cientificamente calculado o diferenciaram de qualquer outra tendência literária manifestada.

Dois dos principais divulgadores do **evolucionismo** no final do século 19: **Haeckel** e **Spencer** chegaram a ser citados nominalmente em alguns poemas. Na **filosofia evolucionista**, encontrou uma visão de mundo que entrou em ressonância com seu próprio pessimismo: uma doutrina que concebia a vida como originária de uma combinação de moléculas por geração espontânea; que via o homem como um estágio na evolução da vida, a partir de microrganismos simples e passando por plantas e animais sucessivamente mais complexos.

ATENTE!!

Para compreender o evolucionismo, busque por "*hominídeos*", no Pesquisa Escolar, em nosso site.

De **linguagem cientificista**, o poeta mostra uma obsessão com a morte simultânea a sua aversão a ela. Fala de si mesmo, da doença que o vitimou (tuberculose), da humanidade, dos sentimentos, do banal; tudo é pessimismo; linguagem e técnica impecável.

O vocabulário e as **imagens poéticas**, que incluem expressões como "*escarra esta boca que te beija*", levaram os críticos da época a considerá-lo um **poeta de mau gosto**. Porém, tal impressão é inverídica, uma vez que ao fazermos leitura atenta da obra, observamos uma visão de mundo como a de Machado de Assis, que não se manifesta do mesmo modo sutil, mas é igualmente poderosa.

Cantou, como Baudelaire, as **misérias da carne**, a **putrefação dos corpos**:

*Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.*

*Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.*

*Já o verme - este operário das ruínas -
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,*

*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra! (in Psicologia de um Vencido)*

O soneto inicia descrevendo as origens da vida - *filho do carbono e do amoníaco* - e termina descrevendo qual a destinação final do ser humano -

restos lançados na frialdade inorgânica
da terra.

ESTRUTURA: FORMA CÍCLICA

O homem provém do mundo inorgânico e a ele
retorna. É o próprio ciclo da vida e da morte
retratado no soneto.

E a conclusão? Dor, sofrimento, e a presença
constante e ameaçadora da morte inevitável.

Merecem destaque as rimas com as palavras
amoníaco/ zodíaco / hipocondríaco / cardíaco

Ao fazer referência ao *carbono* e *amoníaco*, Augusto
dos Anjos desce ao limite inferior da materialidade
biológica. Pensando em termos dos átomos
(carbono) e moléculas (amoníaco) que são
estudados pela química, pode ser conferido no
intertexto.

Cita a **influência má dos signos do zodíaco** que
poderíamos interpretar como uma alusão
supersticiosa. Qual? Sua crença num poder
sobrenatural das estrelas. Acreditamos, porém, que
o poeta está metaforizando seu determinismo.

A terrível sina do poeta é descrita como sofrimento
físico, um mal-estar semelhante ao de um doente;
mas se trata de uma repugnância ao próprio mundo,
decorrente da consciência acerca da miserável
condição humana. Os vermes representam a
iminência e a onipresença da morte; a eles cabe
fechar o ciclo da Natureza, fazendo com que a
matéria humana retorne às formas mais simples da
matéria inorgânica.

[In PORTO, Paulo Alves, Augusto dos Anjos, Ciência
e Poesia]

Ivan Cavalcanti Proença apresenta como incidências
recorrentes na obra de Augusto dos Anjos as
seguintes linhas temáticas e características:

- = rudeza materialista X lirismo espiritual;
- = ânsia de comunicação em monólogos de um
solitário;
- = inquietação filosófica;
- = temática da morte;
- = musicalidade e sonoridade;
- = hermetismo e cientificismo.

A escritora Lúcia Helena critica as avaliações que se
fazem do autor à margem do poético, atestando-lhe
esquizofrenia, angústia, ou apenas humor. A autora
questiona os rótulos:

- = científico e exótico;
- = obcecado pela imagem da morte e da putrefação;
- = resultado de um caso patológico.

A característica que ela prefere ressaltar diz respeito
à sua linguagem que "reverencia o léxico repudiado
pela estética do 'belo'".

Percebemos também sequências de **frases
nominais**:

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.

Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:

Sejam quais forem os estudos e em que época foram produzidos a concordância é de que Augusto dos Anjos não pode ser estudado em apenas uma direção e nem localizado em um só período. Esse trânsito não só é pacífico entre os que se aventuraram pela sua crítica, como também há o reconhecimento de que ele comunga com características que se opõem com radicalidade, muitas vezes num mesmo texto poético. [In [O Lugar de Augusto dos Anjos](#) na poesia brasileira]

INTERTEXTUALIDADE

O autorretrato acompanha o homem desde os primórdios da civilização: desde a pré-história já pintavam suas mãos nas paredes das cavernas, como também figuras humanas estilizadas, uma forma de marcar sua presença e realizar seus rituais mágicos.

O **autorretrato** é o espelho do artista, afirma a educadora **Kátia Canton**, autora de **Espelho de Artista**, livro destinado ao público infanto-juvenil: as diferentes construções de um autorretrato, a partir das obras de grandes pintores. São analisados quadros famosos como os de Rembrandt, Modigliani, Flávio de Carvalho e Marc Chagall, além de outras linguagens modernas de artistas contemporâneos, como da artista plástica Keila Alaver.

Diego Rodríguez de Silva y Velázquez [1599-1660]], representante do barroco e um dos mais importantes pintores espanhóis do século XVII, deixou seu autorretrato no canto esquerdo de sua obra **A família de Filipe IV**, ou **As Meninas**, Museo Nacional del Prado, Madrid, 1656, em que encara o espectador.

«O pintor, ligeiramente afastado do quadro, contempla o modelo; talvez se trate de dar um último toque, mas também é possível que ainda não tenha aplicado a primeira pincelada. O braço com que segura o pincel está voltado para a esquerda, na direção da paleta, e se detém, um instante entre a tela e as cores...» **Michel Foucault**, *As Palavras e as Coisas*, Portugal Editora, Lisboa, 1966, p. 17.

ATENTE!!

Produção retratística: destacou-se na pintura de retratos, principalmente de integrantes da nobreza espanhola. Velázquez mostrava detalhes em suas obras, privilegiando as expressões faciais, buscando a **individualidade** de cada personagem retratado.

Muitos pintores brasileiros também criaram seus próprios retratos e se mostraram vivamente influenciados pela nova e livre maneira de trabalhar a figura: Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Pablo Picasso, Van Gogh, Matisse, Chagall, só para destacar alguns.

Quem não se recorda do autorretrato com a orelha cortada de Van Gogh?
Leonardo Da Vinci, Michelangelo Merisi...

Michelangelo Merisi da **Caravaggio** - [Narciso](#), 1597.

O Autorretrato

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança...
Terminado por um louco! [Mário Quintana, 1906]

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim
magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face? [Cecília Meirelles]

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta,
anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me
cabem,
sem precisar mentir.
Não tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem
dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a
sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição
pra homem.
Mulher é desdobrável.
Eu sou. [Adélia Prado]

Mito de Narciso – homem vaidoso de si mesmo -
filho do rio Céfiso (o que banha, o que inunda) e da
Ninfa Liríope (de voz macia).

VISÃO CRÍTICA

Publicado em 1912, dois anos antes da morte do
autor nascido em 1884, "Eu", reúne seus poemas

até então inéditos ou publicados em suplementos literários, foi recebido com grande impacto e estranheza pela crítica, cujas manifestações oscilaram entre o entusiasmo e a repulsa.

Praticamente ignorado a princípio, quer pelo público, quer pela crítica, esse livro que canta a degenerescência da carne e os limites do humano só alcançou novas edições graças ao empenho de Órris Soares (1884-1964), amigo e biógrafo do autor. [in Releituras]

Na opinião de **Alfredo Bosi**, Augusto dos Anjos deve ser visto como um poeta poderoso, que deve ser mensurado por um critério estético aberto, capaz de abrigar e reconhecer, além do "mau gosto" do vocabulário rebuscando e científico a *dimensão cósmica* e a *angústia moral* de sua poesia. Bosi avalia que a *dimensão cósmica* vem em primeiro lugar, porque Augusto dos Anjos centrava no ser humano, de maneira obsedante, todas as energias do universo que teriam se encaminhado para a construção do mistério que é o "eu".

O linguista **Antônio Houaiss**, um dia, declarou: "*Eis porque lhe chamo poeta da morte*", porque *não amava nem a Vida nem o Amor. Estava no seu direito, na sua fatalidade*".

*Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,
A idéia estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Último Número cansado.*

*Era de vê-lo imóvel, resignado,
Tragicamente de si mesmo oriundo,
Fora de sucessão, extranho ao mundo,
Como o reflexo fúnebre do Incrindo!*

*Bradei: - Que fazes ainda no meu crânio!
E o Último Número, astro e subterrâneo,
Parecia dizer-me: "É tarde, amigo!*

*Pois que a minha autogênita Grandeza
Nunca vibrou em tua língua presa,
Não te Abandono mais! Morro contigo!"* [in Último número, soneto escrito pouco antes de sua morte]

Otto Maria Carpeaux opinou: Augusto dos Anjos não teve sorte na vida: parecia a personificação de uma fase especialmente infeliz da evolução intelectual do Brasil, mistura incoerente de uma cultura ou semicultura bacharelesca, ávida de novíssimas novidades científicas, mal assimiladas, e dos ambientes das massas populares miseravelmente abandonadas nas ruas estreitas do nordeste tropical. Ninguém o compreendeu, ninguém lhe leu os versos nos cafés superficialmente afrancesados do Rio de Janeiro, e é conhecida a cena de um dos seus raros admiradores que leu um soneto de Augusto dos Anjos a Olavo Bilac e recebeu a resposta desdenhosa: "*É este o seu grande poeta? Fez bem ter morrido!*" Foi uma

época de eclipse do sal, de trevas ao meio-dia.

Seu livro desde a publicação mantém incessante interesse de seus **leitores-críticos**, que o manifestam através de seus textos escritos para publicação em livros ou jornais. Submeter os textos-leituras a um recorte e a uma colagem num novo arranjo que presentifique a sucessividade própria do pensamento crítico, sem perder o fluxo de cada fragmento, não se assemelha ao trabalho de um costureiro ou um arquiteto, mas de um maestro para recortar e colar as vozes numa composição que mais parece um estranho pot-pourri, com passagens dissonantes. Por um processo de justaposição e não de combinação, o ouvido seleciona vozes segundo um critério cronológico que possibilite perceber distanciamentos e aproximações da linguagem crítica, que não só diz do leitor-crítico, mas também do público a que os seus textos se dirigem. [in *Eu e o Outro: a recepção crítica de Augusto dos Anjos*, de [Maria Zélia Versiani Machado](#)]

Quem salvou a fama póstuma de Augusto dos Anjos foi seu povo: o do nordeste e do interior de nosso país. A abundância de estranhas expressões científicas e de palavras esquisitas em seus versos atraiu os leitores semicultos que não compreenderam nada de sua poesia e ficavam, no entanto, fascinados pelas metáforas de decomposição em seus versos assim como estavam em decomposição suas vidas.

Nas 31 edições de seu livro EU seu leitores dão o testemunho dessa imensa popularidade que é o reverso da medalha, de tal forma que repeliu os leitores exigentes; até durante a fase modernista da literatura brasileira, seus versos passaram por exemplos de mau gosto de uma época superada.

Francisco de Assis Barbosa afirmou "*Augusto dos Anjos estava longe de ser o poeta da moda. Nem os poemas do Eu poderiam ser declamados nos salões, sob pena de provocar engulhos, vaias, risos. O poeta era inclassificável.*"

Augusto dos Anjos teve o poder extraordinário de revelar um sentido oculto nos sons dessas palavras bárbaras.
